

Enola Holmes e o papel da mulher em obras detetivescas¹

Paula Beatriz Domingos Faria²

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

RESUMO

O trabalho busca analisar a construção da personagem Enola Holmes como expressão das discussões sobre o papel social atribuído à mulher e as lutas pela igualdade de gênero. A metodologia passa pela análise da narrativa com ênfase na busca pela independência feminina. A revisão bibliográfica, com abordagem qualitativa, apoia-se nos Estudos Culturais e no Interacionismo Simbólico, considerando as relações entre a ficção audiovisual e o contexto social e cultural em que ela se insere.

PALAVRAS-CHAVE

Enola Holmes; Ficção policial; Protagonismo feminino.

CORPO DO TEXTO

O trabalho tem como proposta a análise da trajetória da personagem Enola Holmes nos dois filmes produzidos pela Netflix (*Enola Holmes* e *Enola Holmes 2*), tomando-os como expressões das discussões em ascensão sobre o papel social atribuído à mulher e as lutas travadas em busca da igualdade de gênero. O caminho metodológico passa pela análise da narrativa com ênfase na busca pela autonomia feminina. A revisão bibliográfica tem uma abordagem qualitativa e se apoia na perspectiva dos Estudos Culturais e do Interacionismo Simbólico, considerando as relações entre a ficção audiovisual e o contexto social e cultural em que ela se insere.

Irmã do detetive fictício mais conhecido do mundo, Enola Holmes não existe no universo criado por Arthur Conan Doyle no fim do século XIX, quando a presença feminina na literatura policial, frequentemente se restringia ao papel de vítima, já morta quando o detetive iniciava suas investigações. Exemplo disso são os três contos de Edgar Allan Poe protagonizados por Auguste Dupin, personagem considerado o primeiro detetive da ficção policial. Nos três casos, os crimes investigados pelo protagonista são

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Ficção Seriada Audiovisual, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestra em Comunicação e Sociedade e Especialista em TV, Cinema e Mídias Digitais pela mesma universidade.

cometidos contra mulheres: em *Os assassinatos da rua Morgue* (*The murders in the rue Morgue*, 1841), ocorre um suposto duplo assassinato de mãe e filha; em *O mistério de Marie Rogêt* (*The mystery of Marie Rogêt*, 1842), uma jovem é assassinada; e em *A carta roubada* (*The purloined letter*, 1844), não há assassinato, mas sim uma chantagem envolvendo a reputação da vítima.

Mais tarde, com o advento dos romances *noir*, houve uma ligeira mudança nesta perspectiva ao mesmo tempo em que muitas obras do gênero começaram a ser adaptadas para o audiovisual. Nesse subgênero, eram comuns as *femme fatales*, personagens femininas que com frequência atuavam como antagonistas, usando os atributos físicos e a sedução em suas interações com os detetives protagonistas. Estes últimos, por sua vez, as consideravam perigosas e interesseiras. Ou seja, embora tenham conquistado um papel mais ativo no cinema *noir*, as personagens femininas, em geral, ainda estavam longe do protagonismo.

É importante mencionar que, ao examinar mais profundamente a história da literatura detetivesca, é possível encontrar algumas protagonistas mulheres desde o século XIX. No entanto, a maior parte dos romances e contos enquadrados neste gênero contava (e continua contando?) com homens desempenhando os papéis principais. Entre as protagonistas femininas mais notórias está Miss Marple, criada por Agatha Christie há quase cem anos, muitas vezes analisada de modo pejorativo como uma “vizinha fofoqueira” ou uma idosa sem ocupação que investiga crimes, se “intrometendo” no trabalho da polícia, enquanto detetives masculinos, como Sherlock Holmes e Hercule Poirot, são tidos como notórios, respeitados e praticamente infalíveis investigadores.

Nesse contexto, filmes e séries mais recentes e associados ao conceito de pós-modernidade (Hutcheon, 1991), como *Enola Holmes*, propõem a discussão sobre os códigos machistas, o patriarcado e as diversas formas de silenciamento e violência contra a mulher. *Enola Holmes* foi criada pela estadunidense Nancy Springer, que lançou, a partir de 2006, diversos romances infanto-juvenis com a personagem no centro das narrativas, sendo o primeiro deles *The Case of the Missing Marquess*, cujo enredo coincide com o do primeiro filme produzido pela Netflix.

As duas obras audiovisuais protagonizadas pela personagem foram lançadas em 2020 e 2022, com a atriz Millie Bobby Brown no papel da senhorita Holmes, além da direção de Harry Bradbeer e roteiro de Jack Thorne. No primeiro filme, ao desvendar o

desaparecimento da mãe e fugir para não ter que viver em um internato, Enola demonstra habilidades dedutivas comparáveis às de Sherlock. No segundo, ela investiga o desaparecimento da jovem Sarah Chapman, que integra um movimento de mulheres proletárias em busca da melhoria das condições de trabalho.

Com diversas personagens femininas em destaque, os dois filmes trazem muitas cenas de confronto e inconformismo com o universo liderado por homens, a começar pela criação dada à protagonista pela mãe, uma feminista que prioriza para a filha o ensino de ciências, leitura e exercícios físicos e mentais em detrimento do desenvolvimento de habilidades artesanais e atividades comuns a uma jovem cuja maior conquista seria conseguir um “bom” casamento. Ganham destaque ao longo das narrativas os embates intelectuais entre Enola e Sherlock, o questionamento das decisões tomadas por Mycroft Holmes e a ajuda prestada por ela a um marquês adolescente, durante sua fuga.

Fica claro, tanto nos romances quanto nos filmes protagonizados por Enola Holmes, que o irmão mais velho, Mycroft, é o principal antagonista, enquanto Sherlock, sendo um dos personagens mais lembrados em toda a história da literatura (e também das obras audiovisuais) ocidentais, se posiciona de forma mais amigável em relação aos anseios de Enola. Ou seja, mesmo que na obra de Arthur Conan Doyle não haja sinais de uma simpatia de Sherlock Holmes pelo movimento feminista, a nova versão do personagem, presente na obra de Nancy Springer, acaba se identificando com a irmã mais nova - afinal, ambos têm habilidades investigativas e uma inteligência acima da média - e, eventualmente, favorecendo, de certo modo, suas aventuras. Embora a princípio ele concorde com os posicionamentos e decisões de Mycroft, Sherlock torna-se um aliado da irmã mais nova.

Para Berger e Luckmann (2007), a cotidianidade é uma realidade interpretada subjetivamente e dotada de sentido por apresentar um mundo considerado coerente. Quando há a tipificação recíproca de um hábito acontece o que eles chamam de institucionalização, que estabelece padrões de conduta e implica em controle e historicidade. Assim, o patriarcado e as ideias de inferioridade e submissão feminina podem ser consideradas instituições, que tendem a perdurar. Mas este não é um processo irreversível. Os mundos sociais não são estáticos e estão sujeitos a mudanças com o surgimento de formas mais complexas de conhecimento, visão que dialoga com o conceito de identidades deslocadas dos Estudos Culturais. Assim, na pós-modernidade

(Hall, 2006), os padrões comportamentais estabelecidos são questionados, mas as mudanças não são pacíficas, já que a questão identitária envolve sempre relações de poder (Woodward, 2009).

Sendo assim, podemos associar o personagem Mycroft Holmes - da forma como ele é retratado nos filmes sobre a irmã mais nova - a uma permanência da cultura patriarcal em constante embate com o avanço das lutas e conquistas femininas, lembrando que as narrativas se passam em um período de ascensão do movimento feminista. Sherlock Holmes, tão aclamado por leitores e telespectadores até os dias atuais, não poderia ser, portanto, associado a um perfil machista, misógino, retrógrado e conservador.

Coutinho (1994), em um estudo sobre as novas detetives femininas criadas por escritoras a partir da segunda metade do século XX, destaca o seguinte:

Com essas novas escritoras de policiais, mudam certos estereótipos do gênero, sua temática se amplia e a estrutura admite desvios. O policial se transforma, com esta evolução, em campo privilegiado para que se ouça a voz feminina em nova forma de expressão. Curiosamente, o universo descrito nesses romances, onde se observam restrições ao ingresso da Mulher em certas áreas de atuação, evoca o mundo Vitoriano, no qual os papéis femininos eram estereotipados e a mulher vivia confinada entre quatro paredes domésticas (Coutinho, 1994, p. 14).

Embora Nancy Springer não esteja incluída no *corpus* de análise da pesquisadora, sua obra se enquadra nas observações por ela feitas, apesar de cultivar algumas particularidades em relação aos romances escritos por autoras como P. D. James (com sua detetive Cordelia Gray), Sue Grafton (com a protagonista Kinsey Millhone) e Sara Paretsky (com a detetive V. I. Wharshawski). Essas autoras situam suas narrativas na contemporaneidade, enquanto Nancy Springer retorna à época em que Sherlock Holmes ficou conhecido, nas últimas décadas do século XIX. Essa localização temporal somada ao fato de Enola Holmes ser uma adolescente e de os romances e filmes por ela protagonizados serem pensados para o público infanto-juvenil leva a uma forma particular de retratação de temas como a violência e os desafios cotidianos enfrentados pela personagem por ser uma menina (mesmo conseguindo se passar por uma mulher adulta, quando recorre aos disfarces).

Os filmes sobre Enola Holmes atuam como uma crítica à superficialidade do próprio gênero policial, que originalmente tinha como principal propósito exaltar as habilidades do detetive protagonista, colocando as personagens femininas em posições

de passividade e fragilidade. Como os detetives clássicos dos chamados romances de enigma, Enola Holmes é muito estudiosa e conta com habilidades dedutivas notáveis, mas não é, de modo algum, insensível ao sofrimento das vítimas, herdando dos detetives *noir* os riscos corridos do ponto de vista físico, vulnerabilidade que não supera, no entanto, seus anseios por liberdade e suas habilidades intelectuais.

Enola Holmes busca um caminho de representatividade para livrar-se tanto de viver em um internato, após o desaparecimento da mãe, quanto de ter suas habilidades colocadas à sombra do irmão famoso. Ela compartilha os ideais defendidos por Sarah Chapman e também pela mãe, cuja ausência e a associação ao movimento feminista também são interessantes pontos a serem analisados, já que questionam a priorização da maternidade na vida das mulheres.

Enfim, podemos concluir que a trajetória de Enola Holmes questiona as configurações da sociedade patriarcal e deixa uma proposta de incentivo ao empoderamento e ao desenvolvimento das mais diversas habilidades pelas mulheres, fugindo aos estereótipos de gênero, que estão longe de serem superados.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2007.

COUTINHO, Sonia. **Rainhas do crime**: ótica feminina no romance policial. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.